

# POLISSEMIA: a chave de acesso ao sistema conceptual das línguas

*Maria Clotilde Almeida*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

*“Sentir é crear....”*

*O mundo exterior é uma hallucinação em comum,  
uma criação-média das imaginações sommadas.”*

Pessoa inédito (org. de T Rita Lopes), Lisboa. Horizonte, 1993

0. O presente trabalho, gizado no contexto do Ano Europeu das Línguas, foi elaborado na confluência de três áreas linguísticas vizinhas: a das Tipologias Linguísticas, a da Gramática da Construção e da Semântica Lexical Cognitiva.

Neste contexto teórico preconiza-se que cada uma das línguas em estudo, a saber, o português, o francês, o alemão e o neerlandês auferem de um sistema conceptual específico, acessível, em larga medida, a partir das representações simbólicas da(s) categoria(s) em análise.<sup>1</sup>

Na prossecução deste objectivo, opta-se pelo estudo semântico da categoria polissémica de *abrir* nas várias línguas acima referidas, tendo por base o trabalho de Almeida (1995) que consiste na análise prototípico-analogista das categorias de *abrir* e de *cortar* em português e em alemão. Inspirado nos princípios do realismo experencialista (cf. Langacker 1997, entre outros), a abordagem cognitiva postula *lato sensu* uma interligação entre significado e experiência.

Note-se, porém, que se registam algumas diferenças entre Almeida (1995) e o presente que se pauta pela restrição da análise à categoria de *abrir* e pelo alargamento do *corpus* às representações de *abrir* correlatas do francês e do neerlandês, mediante inquéritos a informantes nativos, com o intuito de acceder a uma dimensão tipológica.

---

<sup>1</sup> O sistema conceptual é designado por Lakoff/Johnson, 1999 – de “Hidden Hand” (mão oculta).

Também no plano metodológico se operam, no presente, algumas mudanças em relação a Almeida (1995) visto que os mapeamentos foram distribuídos por padrões construcionais, inspirados na Gramática da Construção de Goldberg (1995).

1. Delimitaremos sumariamente as convergências do enfoque tipológico com a Gramática da Construção, seguindo de perto Croft (1999). De facto, as duas metodologias são parcialmente coincidentes, na medida em que ambas visam o estudo de construções gramaticais.

A única diferença reside no facto de que, no âmbito das tipologias, a análise decorre no plano interlíngüístico com o objectivo de determinar os universais tipológicos.

Assim, na óptica de qualquer um dos enfoques, as construções podem ser consideradas sob dois prismas. Por um lado, constituem entidades gramaticais independentes, representadas, no plano conceptual, como conjuntos cujo valor trancende largamente o somatório do valor das partes; por outro, são consideradas unidades simbólicas produzidas no seio de um determinado sistema conceptual, pelo que se afiguram específicas de cada língua.

Assim, a dupla caracterização das construções serve de fundamento à definição dos universais tipológicos, a saber, “mapas num espaço conceptual, organizados de tal modo que as categorias/construções específicas de cada língua desempenham funções numa região coerente do mapa cognitivo” (Croft 1999: 76). Nesta base, a análise é orientada para o estudo de categorias específicas, construções simbólicas geradas no âmbito de um determinado sistema conceptual.

2. O estudo da categoria polissémica de *abrir* nas quatro línguas em foco contempla, em primeiro lugar, a delimitação das representações prototípicas e, em segundo, a inventariação dos mapeamentos metafóricos, cunhados directa ou indirectamente a partir das representações prototípicas. Por motivos de limitação de espaço, não se inclui o conjunto das representações metonímicas de *abrir* nas línguas analisadas.

É de salientar que os referidos mapeamentos metafóricos, produtos da projeção de um domínio de origem (x) para um domínio alvo (y), constituem modelos cognitivos idealizados (MCIs) (Lakoff 1987) que, na óptica do realismo experencialista, resultam de processos de lexicalização culturalmente orientados (cf. Langacker 1987, 1991, 1997; Albertazzi 2000; Violi 2001, entre outros).

Note-se, porém, que, no presente, se visa articular a teoria Lakoffiana da metáfora com a teoria dos espaços de mesclagem, vulgarmente conhecida como “mesclagem conceptual” (Fauconnier/Turner 1996; Fauconnier 1997, 1999; Turner 1996; Coulson 1996, 2001; Brandt 2001).

Definiremos sumariamente o processo cognitivo de mesclagem na base de Fauconnier/Turner (1996:113): “In blending, structure from two input spaces is projected to the a separate space, the “blend”. The blend inherits partial structure from the input spaces, and has emergent structure of its own.” Nesta perspectiva, equaciona-se a construção mesclada como uma nova conceptualização, resultado da projecção (parcial) de dois espaços mentais de entrada. Trata-se, então, de uma unidade, ou seja, uma representação simbólica indivisa, conforme especificado por Turner (1996:83): “The blend counts as a unit that can be manipulated efficiently as a unit...”.

Embora cientes da ubiquidade do processo de mesclagem no contexto do uso linguístico que, conforme é amplamente referenciado na literatura acima mencionada, inclui também as representações metafóricas<sup>2</sup>, para efeitos do presente, utilizaremos a designação ‘construções mescladas’ em sentido restrito, ou seja, apenas para as construções lexicais complexas, formadas a partir da mesclagem de duas representações verbais distintas (assinaladas nos exemplos a negrito). As restantes representações simbólicas são referidas, em sentido lato, como mapeamentos metafóricos, dado que não se identificam com as formações lexicais do tipo acima referido.

2.1. Para possibilitar a abordagem de um elevado número de dados nas quatro línguas em estudo, elaboraram-se 4 quadros independentes, um para cada língua, nos quais se inscrevem, na coluna da esquerda, as representações prototípicas e, nas duas colunas à direita, respectivamente, os mapeamentos metafóricos de primeiro e segundo nível. As representações assinaladas com A pertencem ao conjunto das construções transitivas (sujeito, verbo objecto), as assinaladas com B ao grupo das construções transitivas mistas (sujeito, verbo, objecto1 Prep Objecto 2) e as assinaladas com C ao grupo das construções intransitivas (sujeito, verbo).

Cada um dos quadros acima referidos é complementado por uma figuração espacialmente restrita que inclui o conjunto das conceptualizações divergentes de *abrir*. Como se depreende, estas congregam representações simbólicas diversas, utilizadas para enquadramentos cénicos semelhantes.

<sup>2</sup> Fauconnier/Turner (1996: 116): “Metaphor is one of the phenomena that give rise to blends. It has the appropriate features: partial projection from input spaces; emergent structure in the blend; counterpart structure between input spaces; projection of integration of events from the source, the unconscious status of the blend until it is highlighted; cognitive work specific to the blend, and so on.”

Deste modo, a abordagem semasiológica de base, que se estrutura das representações simbólicas para os conceitos, é complementada pela abordagem onomasiológica, que se estrutura dos conceitos para as representações simbólicas (cf. Geeraerts 1999, entre outros), conferindo a este estudo uma maior abrangência no contexto da várias línguas em análise.

2.2. No quadro 1 abaixo apresentamos as construções metafóricas do português, numeradas sequencialmente na base do grau de afastamento em relação ao cerne prototípico. Não é nossa intenção representar a cadeia polisémica de *abrir*, dado que este foi o objecto do estudo de Almeida (1995), mas apenas referenciar os mapeamentos metafóricos constantes do referido trabalho.

É de salientar a existência de dois tipos de mapeamentos metafóricos: os de primeiro nível e os de segundo nível, produtos de uma segunda projecção metafórica a partir do primeiro nível, constituindo, como tal, mapeamentos metafóricos de mapeamentos metafóricos.

Quadro 1 – Mapeamentos metafóricos de *abrir* em português

O João abriu a porta	Map.A1 A Ana abriu a gaveta bruscamente	
O João abriu a janela	Map.A2 A criança abriu o casaco	
	Map.A3 O hóspede abriu a cama	
	Map.A4 A criança abriu um buraco na parede	
	Map.A5 Desta vez a professora abriu uma excepção	
	Map.A6 Dentro de água o bebé abriu os olhos	Map.A6a Devido a alguns comentários o chefe abriu os olhos
	Map.A7 A Maria abriu a mão e mostrou o berlinde	Map.A7a Apesar de ter razão o estudante abriu mão dos seus direitos
	Map.A8 Ele abriu o jogo	Map.A8a Finalmente o professor abriu o jogo
	Map.A9 A Maria abriu a torneira para lavar as mãos	
	Map.A10 Ao chegar a casa, o Carlos abriu o interruptor	
	Map.A11 Após uma longa espera a polícia abriu o trânsito	
	Map.A12 A presidente da APL abriu a reunião	
	Map.A13 O presidente da República abriu a exposição	

	Map.A14 A Ana abriu o envelope com a faca	
	Map.A15 O João abriu o livro com o dedo	
	Map.A16 O Pedro abriu o pão com a faca	
	Map.A17 A Maria abriu o bolo	
	Map.A18 O Figo abriu a defesa inglesa	
	Map.B1 O Pedro abriu o coração à Maria	
	Map.B2 A polícia abriu fogo sobre a multidão	
	Map.B3 O Pedro abriu caminho pelo mato	
	Map.C1 As flores abriram mais cedo este ano	
	Map.C2 A criança abriu durante as férias	
	Map.C3 O sol abriu por entre as nuvens	
	Map.C4 O João ia a abrir na auto-estrada	

2.3. Tendo por base o processo de organização dos dados seguido para o português, o quadro 2 abaixo reúne os mapeamentos metafóricos de *ouvrir* em francês. Registe-se que as representações metafóricas divergentes de *ouvrir* constam de um agrupamento separado, figurando sequencialmente pela mesma ordem em que ocorrem em português.

Quadro 2 – Mapeamentos metafóricos de *ouvrir* em francês

João a ouvert la porte	Map.A1 Ana a brusquement ouvert le tiroir	
João a ouvert la fenêtre	Map.A2 L'invité a ouvert le lit	
	Map.A3 L'enfant a ouvert un trou dans le mur	
	Map.A4 Cette fois-ci la maîtresse a ouvert une exception	
	Map.A5 Le bébé a ouvert les yeux dans l'eau	Map.A5a En raison de quelques commentaires le chef a ouvert les yeux
	Map.A6 Maria a ouvert la main et montré la bille	

	Map.A7 Maria a ouvert le robinet pour laver les mains	
	Map.A8 Le président de l'APL a ouvert la réunion	
	Map.A9 a Le président de la République a ouvert l'exposition	
	Map.A10 Ana a ouvert l'enveloppe avec un couteau	
	Map.A11 João a ouvert le livre avec le doigt	
	Map.B1 a ouvert son couer à Maria	

### Conceptualizações divergentes de *ouvrir* em francês

L'enfant a deboutonné son manteau.  
 Malgrès avoir raison, l'étudiant a renoncé à ses droits.  
 Les fleurs ont fleuri plus tôt cette année.  
 L'enfant s'est épanoui pendant les vacances.  
 Finalement le professeur a démasqué ses plans.  
 En arrivant à la maison Carlos a allumé la lumière.  
 Maria a fait couler l'eau pour se laver les mains.  
 Après une longue attente la police a remis la circulation en route.  
 La police a tiré sur la foule.  
 Pedro a coupé le pain avec un couteau.  
 Maria a coupé le gâteau.  
 Figo a percé la défense anglaise.  
 Pedro a frayé par la brousse.  
 Le soleil a luit à travers les nuages.  
 João allait à fond la caisse sur l'autoroute.

2.4. O quadro 3 configura os mapeamentos metafóricos de *aufmachen* e de *öffnen* em alemão que, segundo os informantes, não são intersubstituíveis. De facto, reconhecemos tratarem-se de casos de saliência onomasiológica formal (cf. Geeraerts 1999:95) que, segundo o autor, consistem na seleção preferencial de um item lexical num contexto pragmático específico (ou numa variedade de língua específica).

Tal como ocorria no francês, as representações simbólicas divergentes de *aufmachen* e de *öffnen* constam de um agrupamento separado que se segue ao quadro 3.

Quadro 3 – Mapeamentos metafóricos de *aufmachen* e de *öffnen* em alemão

João machte die Tür auf	Map.A1 Ana machte plötzlich die Schublade auf	
João machte das Fenster auf	Map.A2 Das Kind öffnete den Mantel	
	Map.A3 Das Kind öffnete die Augen im Wasser	
	Map.A4 Maria öffnete die Hand und zeigte ein Glaskugelchen	
	Map.A5 João öffnete die noch nicht aufgeschnittenen Bücherseiten mit dem Finger	

Conceptualizações divergentes de *aufmachen* e de *öffnen*

Der Gast hat die Bettdecke aufgeschlagen.  
 Das Kind machte ein Loch in die Wand.  
 Dieses Mal hat die Lehrerin eine Ausnahme gemacht.  
 Infolge einiger Bemerkungen gingen dem Chef die Augen auf.  
 Obwohl der Student Recht hatte, verzichtete er auf seine Rechte.  
 Dieses Jahr blühten die Blumen früher auf.  
 In den Ferien blühte das Kind auf.  
 Endlich hat der Lehrer die Karten aufgedeckt.  
 Maria drehte den Wasserhahn an, um sich die Hände zu waschen.  
 Bei der Ankunft zu Hause machte Carlos das Licht an.  
 Nach langem Warten gab die Polizei den Verkehr frei.  
 Die Präsidentin der APL hat die Versammlung eröffnet.  
 Der Präsident der Republik hat die Ausstellung eröffnet.  
 Die Polizei eröffnete das Feuer auf die Menge.  
 Ana schnitt den Umschlag mit dem Messer auf.  
 Pedro schnitt das Brot mit dem Messer auf.  
 Maria schnitt den Kuchen an.  
 Figo brach die englische Verteidigung auf.  
 Pedro bahnte sich einen Weg durch den Wald.  
 Die Sonne strahlte durch die Wolken,  
 Auf der Autobahn gab João Gas.

2.5. Os mapeamentos metafóricos de *open* do neerlandês constam no quadro 4 abaixo. É de salientar que, em contraponto às representações simbólicas das outras línguas, a ocorrência de vários itens lexicais mesclados, resul-

tado da interpenetração de dois domínios cognitivos diversos. Tal como ocorreu na metodologia de análise das outras línguas, o conjunto das conceptualizações diversas de *open* foi agrupado isoladamente.

Quadro 4 – Mapeamentos metafóricos de *open* em neerlandês

João heeft de deur geopend	Map.A1 de baby heeft zijn augen geopend	Map.A1a De baas heeft zijn ogen geopend
João heeft het raam geopend	Map.A2 Maria heeft haar hand geopend	
	Map.A3 De politie heeft het verkeer geopend	
	Map.A4 De president van de APL heeft de vergadering geopend	
	Map.A5 De president heeft de tentoonstelling geopend	

#### Conceptualizações divergentes de *open* em neerlandês

Ana heeft de la opengetrokken.

Het kind heeft zijn jas opengenoopt.

De gast heeft zijn bed opengeschlagen.

Het kint heeft een gat in de muur gemakkt.

Deze keer heeft de docent een uitzondering gemaakt.

Hoewel hij gelijk had, heeft de student van zijn rechten afgezien.

Dit jaar bloien de boemen vroeger.

Het kint heeft zich de vakantie ontpooid.

Pedro heeft Maria zijn Hart uitgestort.

Eindelijk heeft de docent zijn plannen onthuld.

Maria heeft de kraan opengedraaid om haar handen te wassen.

Toen Carlos thiksam, heeft hij het licht aangedaan.

De politie heeft op de menigte geschoten.

Ana heeft de envelop opengesneden.

João heeft het boek met haar vinger opengesneden.

Pedro heeft het brood opengesneden.

Maria heeft de taart aangesneden.

Figo heeft die Engelse verdediging gebroken.

Pedro heeft zich een weg door de wildernis gebaand.

De zon komt door tussen de wolken.

João ging in een noodvaart over de snelweg.

3. Resumiremos os resultados obtidos no estudo interlíngüístico nos quadros abaixo que visam uma caracterização, ainda que necessariamente parcial, do sistema conceptual das línguas em estudo. Em primeiro lugar, o quadro 5 reflecte a incidência dos diversos tipos de construção com *abrir* nas línguas estudadas( xx= elevada; x=média; - = nula)

Quadro 5 – Construções com *abrir* do tipo A, B e C

	A	B	C
Português	xx	xx	x
Francês	x	x	-
Alemão	x	-	-
Neerlandês	x	-	-

O quadro 6 regista a incidência das construções mescladas que, conforme já referido, reúnem duas concepções verbais diversas de domínios cognitivos diferentes:

Quadro 6 – Construções mescladas (verbo/verbo *abrir*)

Português	Francês	Alemão	Neerlandês
-	-	-	x

O quadro 7 abaixo ilustra a incidência das construções prefixadas de *abrir*, formadas a partir de um domínio cognitivo, simbolicamente representado por uma categoria verbal, e de um esquema imagético<sup>3</sup>, configurado no prefixo:

Quadro 7 – Construções prefixadas de *abrir* (verbo *abrir*+prefixo):

Português	Francês	Alemão	Neerlandês
-	-	x	-

No quadro 8 regista-se a incidência das construções prefixadas com conceptualizações diferentes de *abrir* que constam de uma categoria verbal e de um prefixo:

Quadro 8 – Construções prefixadas com conceptualizações diferentes de *abrir* (verbo+prefixo)

Português	Francês	Alemão	Neerlandês
-	-	xx	x

<sup>3</sup> Segundo Johnson (1987:XIV): “ An image schema is a recurring, dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that gives coherence and structure to our experience.”

#### 4. Observações finais

Através da presente análise semântica, foi possível comprovar a organização conceptual diversa da categoria polissémica de *abrir* nas quatro línguas estudadas, pelo que corroboramos a afirmação de Violi (2001) de que o processo de lexicalização não é arbitrário, mas antes motivado pelo grau de saliência de certas experiências (2001:46): “Lexical meaning can be seen as the site where salient points of experience are manifested, and, because of their importance, are expressed in language. In this respect lexicalization is never arbitrary, but is motivated by the salience of certain experiences compared to others.” (sublinhados nossos).

Nesta base, o apuramento do número de experiências salientes de *abrir* para cada língua permite-nos ainda constatar que:

- o português regista o maior número de mapeamentos metafóricos que se distribuíram pelos três tipos de construção A, B e C;
- o francês apresenta alguns mapeamentos metafóricos nas construções do tipo A, embora em menor número do que o português. Saliente-se não só um número reduzido de mapeamentos do tipo B, mas também a inexistência de mapeamentos metafóricos no grupo C;
- o alemão e o neerlandês não realizam construções metafóricas dos tipos B e C. Refira-se ainda o reduzido número das construções de tipo A ;
- Entre o alemão e o neerlandês estabelecem-se algumas diferenças no seio das categorias divergentes de *abrir*. Na base de um sistema conceptual de teor fundamentalmente espacial (cf. Almeida 1995, 1999 a, 1999 b, 1999c, 2000, 2001, entre outros), o alemão opta quase exclusivamente por construções prefixadas, representações simbólicas resultantes da associação de uma conceptualização verbal e de um esquema imagético. Pelo contrário, o neerlandês tende para construções mescladas, produto da lexicalização complexa de dois domínios cognitivos.

Em virtude destes resultados, afigura-se-nos verosímil, embora cientes das limitações da presente investigação, distribuir as línguas estudadas por escala gradativa de graus de polissemia, conforme ilustrado abaixo:

	Português	Francês	Neerlandês	Alemão
Polissemia +	_____	_____	_____	Polissemia-

Assim, no pólo mais polissémico inscreve-se o português, logo seguido do francês. Em seguida, figura o neerlandês, dado que apresenta um elevado número de construções mescladas com *open*. No pólo menos polissémico insere-se o alemão que, com maior frequência, conceptualiza as cenas em foco, recorrendo a conceptualizações diferentes de *abrir*.

Nesta linha, foi, então, possível corroborar a tese de Ullmann (1964) de que a polissemia constitui um dos critérios para a classificação semântica das línguas. De facto, o grau diverso de polissemia da categoria *abrir* nas línguas em foco constitui uma prova inequívoca de diferentes visões do mundo, fruto de diversas formas de sentir, porque, tal como dizia Fernando Pessoa “sentir é crear”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTAZZI, L., 2000 – “Which Semantics?” in Albertazzi, L. (ed), *Meaning and Cognition. A multidisciplinary approach*, Amsterdam, John Benjamins, pp. 1-24.
- ALBRECHT, J., 1995 – “Le français langue abstraite? Neue Antworten auf eine alte Frage aus der Sicht der Prototypensemantik” in Hoinkes, U. (hrsg.), *Panorama der lexikalischen Semantik, thematische Festschrift aus Anlass des 60. Geburtstag von H. Geckeler*, Tübingen, Narr, pp. 23-40.
- ALMEIDA, M. C., 1994 – “Agenssätze im Portugiesischen und im Deutschen: eine konstrative Analyse aus kultureller Sicht” in Thielemann, W., Welke, K. (hrsg.), *Valenztheorie – Werden und Wirkung*, Münster, Nokus, pp. 101-108.
- ALMEIDA, M. C., 1995 – *Transitividade e Trajectória nas Concepções de Abrir e de Cortar em Português e Alemão: análise prototípico-analogista*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Lisboa.
- ALMEIDA, M. C., 1997 – “A semântica de *prever* à luz da perspectiva cognitiva” in *Actas do XIII Encontro da APL*, Lisboa, Colibri, pp. 29-43.
- ALMEIDA, M. C., 1999 a – “A arte de ser metáfora: estudo interlingüístico português-alemão de índole cognitiva” in *Polifonia 2*, Lisboa, Colibri, pp. 59-74.
- ALMEIDA, M. C., 1999 b – “Space-oriented Accusative versus Dative Symbolic Constructions in German and Portuguese Counterparts: A Cognitive Approach” in *Actas do 1º Encontro de Linguística Cognitiva*, Porto, Fac. de Letras, pp. 17-32.
- ALMEIDA, M. C., 1999 c – “A Geometria dos Enquadramentos à luz da Perspectiva Cognitiva” in *Revista de Faculdade de Letras nº 25, Entre-Culturas*, Lisboa, Faculdade de Letras, pp.117-131.
- ALMEIDA, M. C., 2000 – ” Léxico e Espaço: o modelo cognitivo alemão”, (Comunicação às IV Jornadas da UNIL “O Léxico”) (*a publicar in http://www.flul.pt/unil/polifonia.htm*).
- ALMEIDA, M. C., 2001a – ” Body-based Space Conceptualizations in German” in *Actas do Encontro de Primavera da APL: Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga, APL/ Universidade Católica, pp. 305-323.
- ALMEIDA, M. C., 2001b – “Arrepios, angústias e medos no *Fausto*: abordagem cognitiva “in A Ideia Romântica de Europa: novos rumos – antigos caminhos”, v.II, (org. Fernanda Gil Costa), Lisboa, Colibri (no prelo).

- ALMEIDA, M. C., 2001c – “Espaços de Interior na Língua Alemã: abordagem cognitiva”, Comunicação às *II Jornadas de Tradução* (ESTG-Leiria), (a publicar).
- ALMEIDA, M. C., 2001d – “Elementos para uma História Natural das Emoções: estudo cognitivo de um texto medieval alemão” (Comunicação ao XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (a publicar).
- BALLY, C., 1965 – *Linguistique Générale et Linguistique Française*, Bern, Francke, 4. Ed..
- BRANDT, P. A., 1993 – “Cognition and the Semantics of Metaphor: a general outline” in *Acta Linguistica Hafniensia*, v. 26, Copenhagen, Linguistic Circle of Copenhagen, pp. 5-21.
- BRANDT, P. A., 1996 – “Pour une sémantique de la métaphore ” in *Versus* 75, pp. 3-14.
- BRANDT, P. A., 2001 – “Mental Space Networks and Linguistic Integration” in *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*, (org. de Augusto Silva), Braga, APL/Universidade Católica Portuguesa, pp. 63-78.
- COULSON, S., 1996 – “Menendez Brothers Virus: Blended Spaces and Internet Humor” in Goldberg, A. (ed.), pp. 67-82.
- COULSON, S., 2001 – *Semantic Leaps. Frame-shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*, Cambridge, C.U.P..
- CROFT, W., 1999 – “Typology and Cognitive Linguistics” in T. Janssen/G. Redeker (eds.), pp. 61-95.
- FAUCONNIER, G., Turner, M., 1996 – “Blending as a Central Process of Grammar” in A. Goldberg (ed.), pp.113-130.
- FAUCONNIER, G., 1999 – “Methods and Generalizations” in T. Janssen/G. Redeker (eds.), pp. 95-128.
- GEERAERTS, D., Groenlaenders, S., Bakema, P., 1994 – *The Structure of Lexical Variation. Meaning, Naming and Context*, Berlin, de Gruyter.
- GEERAERTS, D., 1999 – “Idealist and empirist tendencies in cognitive linguistics” in T. Janssen/G. Redeker (eds.), pp. 163-194.
- GIBBS, R. W., Steen, G. (ed.), 1999 – *Metaphor in Cognitive Linguistics*, Amsterdam, J. Benjamins.
- GOLDBERG, A., 1995 – *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, Chicago, The University of Chicago Press.
- GOLDBERG, A. (ed.), 1996 – *Conceptual Structure, Discourse and Language*, Stanford, CSLI publications.
- JÄKEL, O., 1997 – *Metaphern in abstrakten Diskurs-Domänen*, Frankfurt, Lang.
- JANSSEN, T., Redeker, G. (eds.), 1999 – *Cognitive Linguistics: Foundations, Scope and Methodology*, Berlin, de Gruyter.
- JOHNSON, M., 1987 – *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*, Chicago, Chicago U. Press.
- LAKOFF, G., 1980 – *Metaphors we live by*, Chicago U. Press, Chicago.
- LAKOFF, G., 1987 – *Women, Fire and Dangerous Things. What categories reveal about the Mind*, Chicago, Chicago U. Press.
- LAKOFF, G., Johnson, M., 1999 – *Philosophy in the Flesh. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York, Basic Books.
- LANGACKER, R., 1987 – *Foundations of Cognitive Grammar, v.I: Theoretical Prerequisites*, Stanford, Stanford U. Press.
- LANGACKER, R., 1991 – *Foundations of Cognitive Grammar: v. II: Descriptive Application*, Stanford, Stanford U. Press.
- LANGACKER, R., 1997 – “The contextual basis of cognitive semantics” in J. Nuyts, E. Pederson (eds.), *Language and Conceptualization*, Cambridge, Cambridge U. Press, pp. 229-252.

- PANTHER, K.-U., Radden, G. (eds.), 1999 – *Metonymy in Language and Thought*, Amsterdam, John Benjamins.
- SILVA, A. S., 1999 – *A Semântica de Deixar. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVA, A. S., 2001 – “O que é que a *polissemia* nos mostra acerca do significado e da cognição?” in *Linguagem e Cognição. A perspectiva da Linguística Cognitiva*, (org. de Augusto Soares da Silva), pp. 147-172.
- TURNER, M., 1996 – *The Literary Mind. The Origins of Thought and Language*, Oxford, Oxford University Press.
- ULLMANN, S., 1964 – *A Semântica. Uma Introdução à Ciência do Significado*, Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- VIOLI, P., 2001 – *Meaning and Experience*, Bloomington, Indiana.
- WEINRICH, H., 1976 – *Sprache in Texten*, Stuttgart, Klett-Cotta.